

BRASÍLIA, DF, PALÁCIO DO PLANALTO, 12 DE SETEMBRO DE 1995

Hoje nós vamos fazer aqui uma apresentação muito informal dos nossos pontos de vista. Quero, também, informalmente, mas com muito empenho, agradecer a presença dos senhores todos aqui neste encontro, dos líderes rurais, dos senhores parlamentares, muito especialmente do meu amigo Luís Fernando Levy, e as palavras que ele disse também.

Sabem todos aqui presentes que há uma preocupação muito profunda do Governo com esta matéria. Isso não são palavras. O Dr. Luís Fernando disse que o Governo enfrentou problemas que talvez desde o tempo do cruzado não tivessem sido enfrentados. Talvez não fosse próprio o Presidente da República dizer isto, mas eu direi: tenho orgulho de poder dizer que nós devolvemos ao País a dignidade de ter uma moeda. Nós fizemos isso.

Não foi fácil. E os que acompanharam essa caminhada, e muitos aqui acompanharam, sabem das dificuldades, porque, quando havia uma descrença generalizada no País, nós tomamos a decisão firme de contrariar as tendências e recuperar a credibilidade da moeda nacional.

Isso é condição fundamental para que se possa fazer, realmente, política neste país, política social, política econômica. E não faltaram de-

magogos, como ainda não faltam hoje – por sorte os que aqui estão não o são –, que com facilidade ficam chorando pelo leite que não foi derramado por mim, mas por eles. São heranças pesadas de um passado irresponsável, que vem de longe, e não culpo pessoas, porque somos todos. Em algum momento da nossa História recente, não tivemos, ou aqui, ou ali, este ou aquele, a iniciativa, a coragem, a determinação de dizer “não”. Eu disse “não”. Disse “não” como Ministro da Fazenda e não tenho nenhuma dificuldade em dizer “não” como Presidente da República, desde que seja convencido. Mas não é dizer “não” pelo gosto de dizê-lo: é dizer “não” para fortalecer a moeda. Ela está forte. Todas as expectativas que nós temos daqui para frente são expectativas de inflação sob controle. Mas não faltaram também os “consultores”, que previram catástrofes.

O tempo todo prevêm catástrofes, porque são incompetentes e não têm coragem. Querem assustar eventuais clientes, querem assustar eventuais eleitores, querem fazer manchetes, mas não querem ter a firmeza tranqüila e a competência para avançar.

Hoje, não dá para não reconhecer isso, porque todos têm de se curvar ao fato de que a inflação está abaixo de 1% ao mês. E ainda ontem vi previsões de que o IGPM seria deflacionário, seria negativo.

Também não adianta pensar que isso é um estado que possa ficar permanentemente assim. Depende de uma ação constante, contínua. E, como em qualquer país desenvolvido, haverá oscilações. Só espero que essas oscilações não virem manchetes assustadoras sobre o País.

Quando sobe um pouco a inflação num país realmente desenvolvido e que tem noção das coisas, isso não vai para as manchetes. O que vai para as manchetes são as medidas tomadas para combater a continuidade do processo. Nós temos que mudar nossa mentalidade.

Então, realmente, é verdade que nós fizemos o que fizemos porque tínhamos consciência da necessidade de fazê-lo, mas sabíamos também que haveria conseqüências.

Não é fácil para um Presidente da República tomar decisões de frear crescimento, mas ele tem que frear quando percebe que esse crescimento vai levar a uma recessão; aí, sim, há recessão, há desorganização e há

impasse. E é claro que, quando se tomam essas medidas, os que vão sofrer as conseqüências vão reclamar, mas nós temos que ver o conjunto, o todo. Também é verdade o que disse o Dr. Luís Fernando, que a agricultura pagou um preço elevado. O Ministro José Serra costuma chamá-la “a âncora verde do Plano Real”. Mas a âncora não pode ser desgastada. Ela pagou um preço excessivo. Pagou um preço não foi por causa do Real em si, e, sim, porque, quando há um processo de estabilização na economia, as fragilidades dessa economia vêm todas à tona, sejam elas quais forem: do produtor que não é competitivo, do banco que não tem visão de financiamento, do Governo que não foi capaz de tomar as medidas a tempo oportuno. Não adianta buscar culpados, somos todos. Temos que buscar soluções.

Na verdade, a agricultura vem sofrendo, há muito tempo, um desgaste que estava sendo encoberto pela inflação, e, com a inflação, é fácil empurrar com a barriga. Sem ela, os custos aparecem. É o que nós estamos sentindo hoje, isto é, os custos aparecerem. Há setores que são altamente penalizados, porque não tiveram condição de se equipar para a competição; há setores que terão que sofrer modificações profundas. Nós temos problemas que são estruturais na agricultura e que têm que ser resolvidos daqui para a frente.

Nunca tivemos, propriamente dita, há muito tempo, a política agrícola. O Ministério da Agricultura era o Ministério de abrir o lenço para enxugar as lágrimas dos que choravam; o da Fazenda fazia política. Eu sei, fui Ministro da Fazenda. A política verdadeira – e, na verdade, isso não é certo, não deveria ser – é a de financiamento.

Temos que sair desse pesadelo permanente em que o Ministro da Agricultura apenas socorre na emergência, porque a política financeira é a que decide, e decide não tendo em vista, ou pelo menos não necessariamente, as questões da agricultura, mas as mais globais. Nós temos que divisar mais longe. Esse foro é bem-vindo porque temos que ter condições de fazer uma política agrícola, zoneamento, aumento de produtividade, melhoria das sementes, melhoria da qualidade da gerência das empresas e olhar o mercado de longo prazo, naquilo em que vamos poder efetivamente ser competitivos e naquilo em que não. Nós não

temos alternativas, numa economia globalizada, senão vermos mais longe e sermos mais competentes. Agora, o Governo tem que articular, junto com as forças produtivas e com os trabalhadores, as questões relativas desse longo prazo e tem que examinar como atravessar o período emergencial.

No emergencial, vamos ser claros. Abateu-se sobre a agricultura não só essa questão de que veio à tona um conjunto de problemas que a inflação encobria e em virtude da qual era mais fácil rolar dívidas. Mas houve outros problemas também. A agricultura está pagando as contas de uma taxa de juros que é insuportável. O Presidente foi o primeiro a dizer que os juros são escorchantes. O Presidente Itamar, que me antecedeu, tinha verdadeira ojeriza a esse mesmo problema. E não há de ser por maldade que as taxas de juros são elevadas: é por questões estruturais, que estão sendo mexidas. Quando digo aqui que a moeda é forte, que a inflação está sob controle, estou dizendo ao mesmo tempo que temos condições, agora, de mexer nisso.

Acontece que a agricultura carrega o peso de uma taxa de inflação que vem do passado e que está embutida nas dívidas. Nós acertamos, em cooperação com as lideranças rurais, o que vem daqui para a frente, acertamos o financiamento de uma maneira que me parece adequada; nós mandamos que o dinheiro circulasse pelos canais competentes, sobretudo pelo Banco do Brasil. Os senhores sabem que os bancos privados não quiseram assumir os riscos de novo, agora. Sobrou dinheiro. Mas o Banco do Brasil tem os recursos. Nós tomamos as medidas que nunca haviam sido tomadas para os pequenos agricultores, que a Contag pediu. Mas resta um outro problema, a inadimplência, que tem que ser resolvido também. O Governo continua trabalhando nesse sentido, porque sabe que, se existe um financiamento bom, daqui para a frente, somente a ele podem fazer jus os que estiverem adimplentes.

E não foi resolvida a questão do passado, é difícil resolver a questão agrícola. Já não se trata de choradeira, não se trata de devedores contumazes, trata-se de produtores corretos que foram envolvidos por esse caudal de desacertos do passado, que cai nas nossas costas. Essas dívidas vêm de longe, não foram feitas nesses sete meses do meu Governo, mas

isso não é escusa para que eu não tome em consideração a questão e não trabalhe com afinco para encontrar fórmulas que permitam esse reposicionamento da agricultura.

Vamos fazê-lo, estamos tentando fazer, naturalmente temos que fazer com responsabilidade, não podemos deixar as fontes financiadoras secarem, não podemos criar situações de embaraço. Criamos com muita dificuldade – alguns aqui sabem disso – a cédula do produtor rural, que está começando a funcionar. Temos que buscar fórmulas mais modernas de financiamento da agricultura, que não podem estar mais esvaziadas, todas elas, no Tesouro ou no Banco do Brasil, mas que, no fim, têm que ter equivalência pelo Tesouro. Nós temos que buscar crédito mais barato e mais abundante. Estamos tateando, mas começamos a tomar medidas e, mais que isso, a fazer com que essas medidas surtam efeitos no curto prazo.

Mas o fundamental é o que foi proposto. Fundamental é que nós possamos divisar um futuro com um período de tempo mais longo, para que possamos nos preparar efetivamente para esse desafio que há para o Brasil. E temos condições excepcionais de enfrentar esse desafio, desde que tenhamos racionalidade e também coragem de dizer: aqui não dá para plantar tal coisa, ali tem que plantar outra coisa, eu não vou financiar, em tal lugar, tal produto, ainda que os produtores queiram, porque não é adequado. Isso vale para a pecuária também, e aqui falo com quem entende disso, não é? Na pecuária, temos que ir para a questão da qualidade, do aprimoramento genético, aí nós temos que ir, efetivamente, para o novilho precoce. Temos que criar condições de uma agricultura que possa ser competitiva.

Isso, o futuro, já começou. Entendo este convite como um desafio para que enfrentemos esse futuro que já começou. E o Governo não pode ser pretensioso, ele não sabe. Aqui estão informações que não li ainda, lerei hoje, no avião. Mas são informações que vão ser preciosas, porque vêm da boca daqueles que realmente conhecem o assunto de que estão falando.

Esse fórum não pode ser do isolamento, nem burocrático, de um Governo que se isole; nem dos produtores, que podem pensar que

sozinhos resolvem a questão; nem dos trabalhadores, que podem pensar que na aflição podem resolver seus problemas sem que haja uma convergência de esforços.

E vou lhes dizer também, com muita sinceridade, que a mim me preocupa o problema do assentamento rural. A mim me preocupa a questão dos sem-terra, porque é uma questão verdadeira e que, de repente, pode ser usada como bandeira não para resolver os problemas, mas para provocar uma chamada até de atenção. Eu entendo isso, mas, diante do pedido de urgência de soluções, muitas vezes não temos equipamento necessário para atender a essa urgência. Nós vamos ter que ter. Nós vamos ter que realmente atuar com mais velocidade na questão relativa ao assentamento rural e à colonização. Não são processos que se antagonizam, que se opõem, são processos que podem vir a ser coincidentes, e creio que, se não criarmos um clima de cooperação, de convergência de interesses, não vamos resolver essa questão. E, certamente, do que o Brasil menos precisa é de desassossego no setor rural. Não tem sentido ocupar terras de quem está trabalhando e não tem sentido não dar terras ociosas a quem precisa trabalhar. As duas verdades têm que ser respeitadas, ambas com muita determinação. Se houver confusão entre esses dois planos, as coisas não vão funcionar adequadamente.

Então, neste nosso fórum, acho que deveríamos acrescentar ao problema da produção, ao problema do Brasil no mundo atual, um Brasil competitivo, um Brasil forte e que depende da agricultura para ser mais competitivo. Nós temos uma vantagem comparativa tão grande na área agrícola e pecuária, que seria realmente insensato não fortalecer os setores agrícolas e simplesmente pensar que nós vamos nos inserir numa economia competitiva internacional à base da produção industrial, apenas. Não vamos. Quem vai financiar realmente o crescimento do Brasil de mais longo prazo são a agricultura e a exploração mineral, embora aquilo que vai permitir o salto sejam a agregação de valores e o desenvolvimento tecnológico, talvez mais na área produtiva industrial do que na área produtiva agrária e na área produtiva extrativista. Mas essas duas são fundamentais, porque são a nossa vantagem comparativa, e nós temos que introduzir melhorias técnicas aí, organizacionais e de compe-

tição na agricultura e na produção mineral, para que tenhamos o tempo de educar a população, de criar programas. Estamos criando condições de generalizar a educação primária, porque só assim é que nós, de fato, vamos poder depois enfrentar os mares muito mais encapelados da competição na área da produção industrial e na área de serviços.

Então, este fórum é fundamental para isso, e nós temos que introduzir nele essas dimensões, que mencionei agora, da questão social, da questão da posse da terra, da questão educacional, porque esses problemas são inter-relacionados.

Sei perfeitamente que não cabe resolver tudo de uma só vez e que as especialidades são necessárias. Creio que é a competência específica que nós vamos juntar neste fórum, que será muito mais orientado para a questão propriamente agrícola, mas tendo esse pano de fundo mais amplo da questão fundiária, da questão educacional, enfim, do conjunto dos problemas que nós vamos ter que resolver nos próximos anos ou nas próximas décadas, para que possamos entrar no próximo milênio com um Brasil realmente opulento.

Portanto, agradeço mais uma vez a presença, o estímulo. Estejam certos de que a Presidência da República dará apoio direto a esse fórum e de que o Ministério da Agricultura, que aqui está representado pelo Dr. Guilherme, vai estar também presente, com muita participação técnica. Nós queremos criar condições para liberar o Ministério da Agricultura do peso enorme de uma agricultura que vive sufocada pela questão financeira. Nós queremos ver um Ministério da Agricultura que realmente cuide dos problemas que lhe são próprios, assim como os dos agricultores. Quem sabe, no futuro, eles não precisem estar aí todo o tempo fazendo manifestações e indo a bancos, mas estejam fazendo reuniões para saber quem é que plantou mais e melhor, qual é o tipo de solo, qual é o tipo de semente, que avanço genético houve. Essas é que são realmente as questões que deveriam ocupar a todos os que têm a ver com a produção agrícola.

Muito obrigado aos senhores.

